



Procuram-se

as pessoas que sabem quem são estes quatro homens.
(maiores detalhes pág. 02)

Sumário

Pág. 02
AGENDA DA BCZM

Pág. 03
BCZM 2000

Pág. 04
A CESTA

Pág. 05
ASPIRADOR

Pág. 06
O PADEIRO

Pág. 07
NO RESTAURANTE

Pág. 08
**UMA FILOSOFIA PARA
NOVOS BIBLIOTECÁRIOS**

EDITORIAL

O primeiro BiblioCanto do ano dá boas vindas aos novos alunos da UFRN e é especialmente dedicado a eles. Para amenizar as dúvidas daqueles que ainda não sabem bem como funciona a BCZM e quais benefícios podem obter dela, preparamos um pequeno guia, no qual as perguntas mais freqüentes sobre os serviços desta Biblioteca são respondidas. Também não esquecemos que a Biblioteca é, acima de tudo, uma casa para livros e leitores, por isso selecionamos alguns textos cativantes ao hábito da leitura: crônicas de grandes escritores de nossa época, que retratam, com humor e poesia, situações comuns do nosso cotidiano. Para os pouco habituados ao contato com as letras, é um convite aparentemente desprezioso, porém, irresistível. Afinal, foi através dos textos de alguns destes autores que muito leitores se viram tomados para sempre pelo incurável vírus da leitura.

PROCURAM-SE

O jornal BiblioCanto lança um desafio a seus leitores: apontar, com precisão, quem são os quatro senhores que figuram, em destaque, na capa desta edição. Não é tão difícil, basta um pouco de perspicácia.

As dicas são as seguintes:

Eles são escritores;

Eles são contemporâneos;

Alguns já se foram.

A promoção "Procuram-se Leitores" irá premiar as 5 primeiras pessoas que entrarem em contato conosco, pelo telefone 215 3849 ou pelo e-mail: comunic@bczm.ufrn.br



- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____

EXPEDIENTE

O BiblioCanto é um informativo bimestral, distribuído gratuitamente pela BCZM à comunidade universitária. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Reitor: Otom Assunção de Oliveira. Vice-Reitora: Tócia Maria de Oliveira Maranhão. Biblioteca Central Zila Mamede. Diretora: Rildoci Medeiros. Vice-Diretora: Margareth Régia de Lara Menezes. Conselho Editorial: Glícia Azevedo e Rildoci Medeiros. Textos: Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Gaston Linton. Desenhos: Potterson Michel Dantas. Revisão Final: Glícia Azevedo Bolsista: Daiany Dantas. Diagramação: Daiany Dantas. Impressão: EDUFN. Endereço: Campus Universitário da UFRN - Lagoa Nova - Natal/RN. CEP: 59072-970. Fones: 215-3841 ou 215-3849. Fone/Fax: 215-3856. e-mail: comunic@bczm.ufrn.br

ACONTECEU

✓ 12 de dezembro de 1999 - A mesa redonda *A informação Visual na Obra Cascudiana*, na qual estudiosos da imagem e da obra de Câmara Cascudo analisaram a informação visual contida nas capas dos seus livros. Participaram da mesa os professores Edward Lopes, Silvia Cortez, Helenice Lopes e Tarcisio Gurgel.

✓ 13 de dezembro de 1999 - Poetas, músicos, admiradores e amigos se reuniram para lembrar a grandeza da poeta Zila Mamede em seu aniversário de morte, na II tarde de leitura da BCZM. Estiveram presentes Nivaldete Ferreira, Maria José Mamede, Ana Cristina Tinoco, Márcio Dantas embalados pela música de Andrei Azevedo e Juliano Ferreira.

✓ 27 a 29 de janeiro - O C.A. de História promoveu, no auditório da BCZM, o II Seminário Nacional pela Regulamentação da Profissão de Historiador.

AGENDA

✓ No período de 10 a 17 de março, será comemorado o dia do Bibliotecário, com a realização de diversos eventos, tais como:

- Dias 10 e 11 de março - Exposição sobre o papel do Bibliotecário, no Praia Shopping, estrada de Ponta Negra.

- Dia 11 de março - *Era uma vez...*: contação de histórias, com o Jornalista e Arte-educador Adriano Gomes, no Praia Shopping, às 17 horas.

- Dia 14 de março - *Cinema na BCZM*, exibindo o filme "O Nome da Rosa", às 16 horas, na Videoteca da Biblioteca Central.

- Dia 15 de março - A Palestra "Ética e Legislação do Profissional de Biblioteconomia", no auditório da Biblioteca, às 17h30min. Informações: 215 3841 ou 215 3849.

Humor na Biblioteca

DESCUBRA A SUA BIBLIOTECA



A Biblioteca Central Zila Mamede existe há quarenta anos. Ao longo desse tempo, muita coisa aconteceu: o acervo aumentou significativamente e seus serviços foram se aperfeiçoando com o uso de novas tecnologias, como a Internet, por exemplo. A BCZM é o lugar de maior trânsito de pessoas na Universidade, por ela circulam cerca de 3000 usuários por dia. Com o início do semestre letivo de 2000.1, a biblioteca está consciente da sua responsabilidade, principalmente diante dos novos usuários, que não sabem ainda o proveito que podem tirar desta grande casa de livros, esclarece algumas dúvidas, respondendo às perguntas mais frequentes do seu público...

QUAL O HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA BCZM?

De Segunda a Sexta-feira, das 7h30min às 22 horas.

COMO POSSO ME INSCREVER NA BIBLIOTECA?

Para utilizar nossos serviços de empréstimo, renovação e quitação, informe sua matrícula, comprovando-a com o PID (aluno) ou contra-cheque (professor e funcionários), acompanhado de um documento com foto. Para garantir o sigilo, o empréstimo é realizado apenas mediante a digitação de uma senha, escolhida pelo usuário.

QUAIS OS SERVIÇOS QUE A BCZM OFERECE?

Consulta local e on line (via Internet e CD-ROM);
Empréstimo de 03 livros por quinze dias para alunos de graduação e funcionários ou 05 livros por trinta dias para professores e alunos de pós-graduação e uma renovação, pelo mesmo prazo, da coleção didática;
Hall para exposições;
Auditório com 140 lugares;
Videoteca com 30 lugares;
Visitas programadas, na qual um bibliotecário, apresenta a Biblioteca e todos os seus recursos;
Salas de Estudo;
Normalização bibliográfica, que consiste na revisão das referências bibliográficas da sua monografia, dissertação ou tese;
Levantamento Bibliográfico, através do qual você pode solicitar uma pesquisa, por assunto, para encontrar material bibliográfico sobre o tema desejado;
Comutação bibliográfica, que possibilita intercâmbio com as melhores bibliotecas do país.

DE QUE OUTRAS COLEÇÕES A BC DISPÕE?

A Biblioteca possui várias coleções além didática. Na

Seção de Informação e Referência, encontram-se as coleções de dicionários, enciclopédias, bibliografias e outras obras do gênero. Na Seção de Coleções Especiais, encontram-se as coleções de periódicos (revistas, jornais, boletins, abstracts, etc.), monografias, teses, Literatura de Cordel e Coleções de Obras Raras e de Cinema, para consulta. Esta seção oferece as coleções de fitas de vídeo, discos e slides, para empréstimo domiciliar e reserva consulta à microfichas, microfilmes e fotografias, no Setor de Multimeios.

O QUE MAIS A BIBLIOTECA OFERECE?

Mantém um exemplar de cada título da coleção circulante na coleção reserva, apenas para consulta; Pesquisa em Bases de Dados em CD-ROM, tais como IBICT, CIN, UNILIBRI, UNESCO, entre outros.

A BIBLIOTECA TEM SUAS PRÓPRIAS PUBLICAÇÕES?

Sim. A Biblioteca possui três informativos: O **BCZM Informa** noticia novas aquisições do acervo; O **BiblioCanto**, um informativo acadêmico-cultural que divulga as atividades da Biblioteca para a comunidade universitária e publica textos interessantes, e o **Por dentro da BCZM**, dirigido a seus funcionários e bolsistas.

QUAIS EVENTOS A BIBLIOTECA PROMOVE?

A Biblioteca oferece uma série de eventos artístico-culturais, tais como:

Tardes de Leitura: recitais e música para embalar o fim de tarde dos usuários da BCZM;
Era uma vez...: contadores de histórias recriam o gosto por contar e ouvir histórias.
Cinema na BCZM: a sétima arte também tem seu espaço na videoteca da BCZM.
BiblioCafé: as novas técnicas de pesquisa científica são discutidas, sempre regadas por um gostoso café.

Todos os serviços da biblioteca estão disponíveis à comunidade universitária, sendo necessária apenas solicitação ou reserva prévia na seção responsável e os eventos são abertos a todos os que cultivem o gosto pela leitura e pela arte, pois assim é a Biblioteca, um lugar para estudo, pesquisa e prazer.



A CESTA



Quando a cesta chegou, o dono não estava. Embevecida, a mulher recebeu o presente. Procurou logo o cartão, leu a dedicatória destinada ao marido, uma frase ao mesmo tempo amável e respeitosa.

Quem seria? Que amigo seria aquele que estimava tanto o marido dela? Aquela cesta, sem dívida nenhuma, mesmo a uma olhada de relance, custava um dinheirão. Como é que ela nunca tivera notícia daquele nome? Ricos presentes só as pessoas ricas recebem. Eles eram remediados, viviam de salários, sempre inferiores ao custo das coisas. Sim, o marido, com o protesto dela, gostava de bons vinhos e boa mesa, mas isso com o sacrifício das verbas reservadas a outras utilidades.

De qualquer forma, aquela cesta monumental chegava em cima da hora. E se fosse um engano? Não, felizmente o nome e o sobrenome do marido estavam escritos com toda clareza e o endereço certo.

Alvorçada, examinou uma a uma as peças envoltas em flores e serpentinas de papel colorido. Garrafas de uísque escocês, champanha francês, conhaque, vinhos europeus, patê, licores, caviar, salmão, champinhon, uma lata de caranguejos japoneses... Tudo do melhor. Mulher prudente, surrupiou umas garrafas e escondeu-as nas gavetas femininas do armário. Conhecia de sobra a generosidade do marido: à vista daquela cesta farta, iria convidar todo mundo para um devastador banquete. Isto não tinha nem conversa, era tão certo quanto dois e dois são quatro. Mas quem seria o amigo? Esperou o regresso do marido, morrendo de curiosidade.

E ei-lo que chega, ao cair da noite, cansado, sobraçando duas garrafas de vinho espanhol, uma garrafa de uísque engarrafado no Brasil, um modesto embrulho de salgadinhos. Caiu das nuvens ao deparar com a gigantesca cesta. Pálido de espanto, não tanto pelo valor do material presente (era um sentimental), mas pelo valor afetivo que o mesmo significava, começou a ler o cartão que a mulher lhe estendia. Houve um longo minuto de densa expectativa, quando, terminada a leitura, ele enrugou a testa e se concentrou no esforço de recordar. A mulher perguntava aflita:

- Quem é?

Mais da metade da esperança dela desabou com a desolada resposta:

- Esta cesta não é para mim.

- Como assim? Você anda ultimamente precisando de fósforo.

- Não é minha.

- Mas olhe o endereço: é o nosso! O nome é o seu.

- O meu nome não é só meu. Há um banqueiro que tem o nome igualzinho. Está na cara que isto é cesta

pra banqueiro.

- Mas, o endereço?

- Deve ter sido procurado na lista telefônica.

Ela não queria, nem podia, acreditar na possibilidade de equívoco.

- Mas faça um esforço.

- Não conheço quem mandou a cesta.

- Talvez um amigo que você não vê há muito tempo.

- Não adianta.

- Você não teve um colega que era muito rico?

- O nome dele é completamente diferente. E ficou pobre!

- Pense um pouco mais, meu bem.

Novo esforço foi feito, mas a recordação não veio. Ela apelou para a hipótese de um admirador. Afinal, ele era um grande escritor, autor de um romance que fizera sucesso e de um livro para crianças, que comovera leitores grandes e pequenos.

- Um fã, quem sabe é um fã?

- Mulher, deixa de bobagens... Que fã coisa nenhuma!

- Pode ser sim! Você é muito querido pelos leitores.

A idéia o afagou. Bem, era possível. Mas, em hipótese nenhuma ficaria com aquela cesta, caso não estivesse absolutamente certo de que o presente lhe pertencia.

- Sou um homem de bem!

Era um homem de bem. Pegou o catálogo, procurou o telefone do homônimo banqueiro, falou diretamente com ele depois de alguma demora: não é muito fácil um desconhecido falar com um banqueiro.

Aí, a mulher ouviu com os olhos arregalados e marejados:

- Pode mandar buscar a cesta imediatamente. O senhor queira desculpar se minha mulher desarrumou um pouco a decoração. Mas não falta nada.

A mulher foi lá dentro, quase chorando, e voltou com duas garrafas nas mãos.

- Eu já tinha escondido estas.

- Você é de morte. Coloque as garrafas na cesta.

Vinte minutos depois, um carro enorme parava à porta, subindo um motorista de uniforme. A cesta engalanada cruzou a rua e sumiu dentro do automóvel. Ele sorria, filosoficamente. Dos olhos da mulher já agora corriam lágrimas francas. Quando o carro desapareceu na esquina, ele passou o braço em torno do pescoço da mulher:

- Que papelão, meu bem! Você ficou olhando para aquela cesta como se estivesse assistindo à saída do meu enterro.

E ela, passando um lenço nos olhos:

- Às vezes é duro ser casada com um homem de bem.

ASPIRADOR

Antes que eu lhe pergunte o que deseja, o gordinho começa a exhibir-me uma aparelhagem complicada, ainda na porta da rua. São tubos que se ajustam, fio para ligar na tomada, escovinhas de sucção e outros apetrechos.

- Entre - ordenei.

Ora, acontece que jamais prestei sentido na existência de aspiradores de pó. Por isso é que fui logo cometendo a imprudência de convidar o gordinho a exhibir-se de uma vez no interior da sala. Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz. Entramos os dois, para a tradicional peleja entre comprador e vendedor.

Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco pra lá, não é isso mesmo? Assim, com licença, quer limpar esse tapete?

É um tapete que arrasto comigo há anos, por todos os lugares em que venho morando. Já abafou meus passos em dia de inquietação, já recebeu meus pulos de alegria, e manchas de café, de tempo, de poeira nos sapatos. Pois olhe só - em dois tempos o gordinho pôs a engenhoca a funcionar, esfrega daqui e dali, praticamente mudou a cor do meu tapete.

- Agora é que o senhor vai ver - anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava. Exibiu-me seu conteúdo com um sorriso de puro êxtase, o tarado.

Aquilo me decepcionou: pois se tinha de despejar o pó no lixo, por que não recolhê-lo de uma vez com a vassoura? Evidente

burrice de minha parte - o gordinho devia estar pensando: com certeza eu esperava que o pó se volatilizasse dentro do aspirador, num passe de mágica?

Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar terno, por exemplo, quer ver? E voltou para mim o cano da arma, que num terrível chupão quase me leva a manga do paletó.

- Serve também para massagens. Com sua licença - e passou-me no rosto a ponta do tubo. Minha pele foi repuxada sob a improvisada ventosa,

deslocando-se ruidosamente num violento beijo de cavalo.

- Basta! - protestei - Estou convencido. Compro o aspirador.

- E digo mais - prosseguiu ele, sem me ouvir - Serve para refrescar o ambiente. Duvida? É só virar ao contrário...

- Não duvido não. Já está comprado.

- ... e funciona como um perfeito ventilador.

Fui buscar o dinheiro, paguei e despedi sumariamente o gordinho que, perplexo, continuava ainda a recitar sua lição:

- Aspira o pó dos lugares mais inacessíveis: aspira atrás de estantes, aspira cinzeiros, aspira...

- Obrigado, obrigado - e fechei a porta atrás dele.

Passei o resto da tarde me distraindo com a nova aquisição. De todas as maneiras: aspirei cinzeiros, estofados, cortinas, temos, aspirei atrás das



último grão, o pó existente na casa.

Então tentei retirar das entranhas do aspirador a tal sacola, como o gordinho me havia ensinado. Para meu júbilo, estava bojuda como um balão. Só não me lembrei de desligar o aparelho que, como ele me havia ensinado também, virado ao contrário funciona como um perfeito ventilador: de súbito, explode no ar uma bomba de pó acumulado. Tudo voltou ao que era dantes, fui à cozinha buscar uma vassoura. És pó e em pó reverterás - pensei comigo.

O PADEIRO

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto não é bem uma greve, é um lock-out, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o quê do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

- Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a idéia de gritar aquilo?

“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo, eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação do jornal, quase sempre depois de uma

passagem pela oficina – e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou um artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração, eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!” e assobiava pelas escadas.



NO RESTAURANTE

- Quero lasanha.

Aquele anteprojeto de mulher – quatro anos, no máximo, desabrochando na ultraminissaia – entrou decidido no restaurante. Não precisava de menu, não precisava de mesa, não precisava de nada. Sabia perfeitamente o que queria. Queria lasanha.

O pai, que mal acabara de estacionar o carro em uma vaga de milagre, apareceu para dirigir a operação-jantar, que é, ou era, da competência dos senhores pais.

- Meu bem, venha cá.

- Quero lasanha.

- Escute aqui, querida. Primeiro, escolhe-se a mesa.

- Não, já escolhi. Lasanha.

Que parada – lia-se na cara do pai. Relutante, a garotinha condescendeu em sentar-se primeiro, e depois encomendar o prato:

- Vou querer lasanha.

- Filhinha, por que não pedimos camarão? Você gosta tanto de camarão.

- Gosto, mas quero lasanha.

- Eu sei, eu sei que você adora camarão. A gente pede uma fritada bem bacana de camarão. Tá?

- Quero lasanha, papai. Não quero camarão.

- Vamos fazer uma coisa. Depois do camarão, a gente traça uma lasanha. Que tal?

- Você come camarão e eu como lasanha.

O garçom aproximou-se e ela foi logo instruindo:

- Quero uma lasanha.

O pai corrigiu:

- Traga uma fritada de camarão para dois. Caprichada.

A coisinha amou. Então não podia querer? Queriam querer em nome dela? Por que é proibido comer lasanha? Essas interrogações também se liam no seu rosto, pois os lábios mantinham reserva. Quando o garçom voltou com os pratos e o serviço, ela atacou:

- Moço, tem lasanha?

- Perfeitamente, senhorita.

O pai, no contra-ataque:

- O senhor providenciou a fritada?

- Já sim, doutor.

- De camarões bem grandes?

- Daqueles legais, doutor.

- Bem, então me vê um chinite, e pra ela... O que é que você quer, meu anjo?

- Uma lasanha.

- Traz um suco de laranja pra ela.

Com o chopinho e o suco de laranja, veio a famosa fritada de camarão, que, para surpresa do restaurante inteiro, interessado no desenrolar dos acontecimentos, não foi recusada pela senhorita. Ao contrário, papou-a, e bem. A silenciosa manducação atestava, ainda uma vez, no mundo, a vitória do mais forte.

- Estava uma coisa, hein? – comentou o pai, com um sorriso bem alimentado. – Sábado que vem, a gente repete... Combinado?

- Agora a lasanha, não é, papai?

- Eu estou satisfeito. Uns camarões tão geniais! Mas você vai comer mesmo?

- Eu e você, tá?

- Meu amor, eu...

- Tem de me acompanhar, ouviu? Pede a lasanha.

O pai baixou a cabeça, chamou o garçom, pediu. Ai, um casal, na mesa vizinha, bateu palmas. O resto da sala acompanhou. O pai não sabia onde se meter. A garotinha, impassível. Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem.



